

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil Class.: Kampa 42

Data: 27/05/94 Pg.: _____

O mapinguari ataca

190
RUI CASTRO

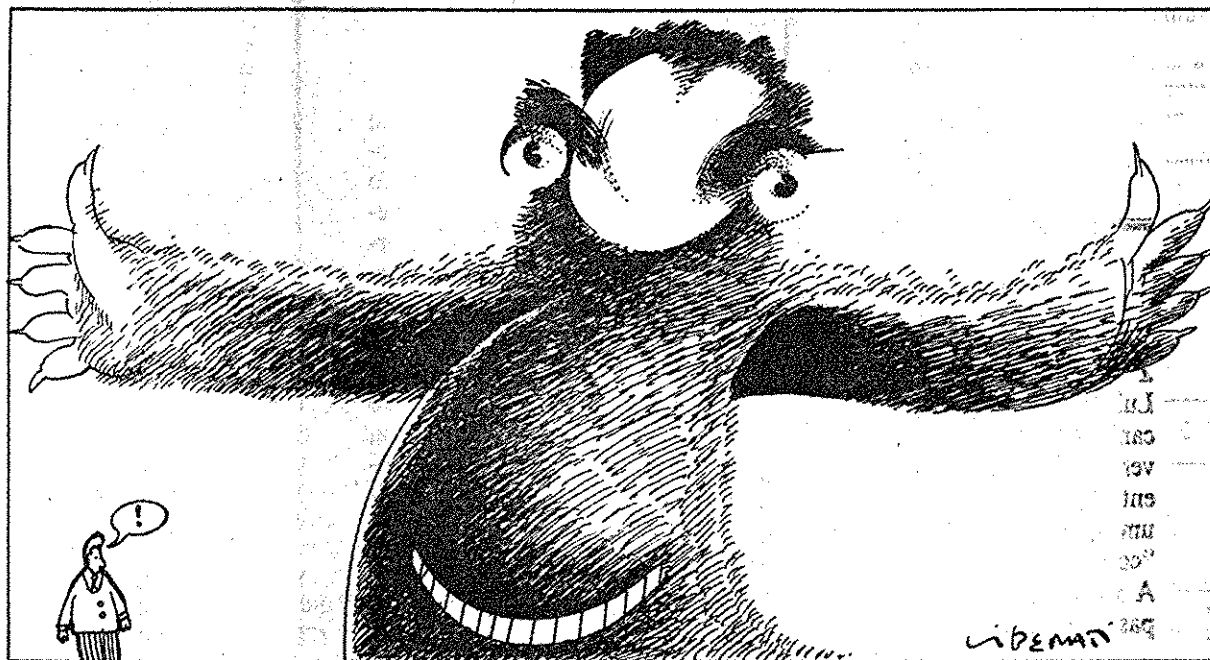
Todo filme B dos anos 50 contava essa história: as explosões atômicas (grande novidade na época) estavam libertando bicharocos pré-históricos adormecidos desde a era glacial. Cruelmente despertadas do seu sono, as bestas saíam do mar ou da lagoa negra, avançavam sobre cidades como Los Angeles, Londres ou Tóquio — variava de acordo com a nacionalidade do filme — e faziam um infernal estrago antes de serem liquidadas a tiros, gases ou dinamite. Mas, enquanto isso não acontecia, a presença daqueles dinossauros, caranguejos ou tarântulas gigantes entre arranha-céus passava a idéia de um anacronismo, esse sim, de assustar.

Por falta de fundos, não tivemos desses filmes no Brasil. A Atlântida, um estúdio especialista em chanchadas com Oscarito, não tinha recursos para mostrar seres pré-históricos nas ruas do Rio ou de São Paulo dos anos 50. E, pensando bem, talvez não precisássemos do cinema para isso. Afinal, havíamos acabado de ter Dutra na presidência e ainda estávamos sob Getúlio. Se Godzilla aparecesse por aqui e adentrasse o Palácio do Catete, seria recebido por seu ocupante como um velho colega de patuscadas na Pedra Lascada.

Bem os filmes de monstros voltaram à moda nos últimos tempos e, de novo, ficamos de fora da tendência internacional. Talvez porque, mais uma vez, não precisemos do cinema para transformar nossos anacronismos em chanchada. A vida real está aí para isso mesmo.

Nos últimos dias, por exemplo (deu no JB), um monstro peludo, com aspecto humano e garras afiadas, foi descoberto no Acre, vivo e fazendo estragos. Segundo um pesquisador americano, trata-se do mapinguari, um gigantesco ancestral pré-histórico da nossa atual preguiça. Só que, ao contrário dessa, que vive dependurada na árvore e mal desce dela para comer, o mapinguari vai à luta: é carnívoro, leva-se tremendamente a sério e, se calhar, fará o maior sucesso se o puserem para desfilarem no carro de som de algum sindicato.

Os paleontólogos supunham que os mapinguaris se tivessem extinguido há milhões de anos, durante a era glacial. Mas, pelo visto, enganaram-se: o mapinguari saiu do freezer e está na praça, forte e atuante. É um anacronismo ambulante, considerando-se que todo o seu *milieu* original já deixou de existir no resto do mundo. Mas, no Brasil, ele ainda consegue não apenas fazer amigos, como influenciar pessoas.



Os nativos do Acre conhecem o mapinguari desde velhos carnavais, mas têm outra explicação para a sua origem. Para eles, são os índios velhos que, quando pressentem que vão morrer, embrenham-se na selva e incorporam certos espíritos, tornando-se os mapinguaris — donde eles jamais estiveram exatamente extintos. E, de fato, se você analisar direitinho, descobrirá que nunca estivemos em falta de mapinguaris. Se não eram tão conspicuos, é porque o seu anacronismo não era tão ostensivo quanto hoje.

Para reconhecer o mapinguari, no caso de você cruzar com um, é conveniente ler a descrição que faz dele o falecido Luís da Câmara Cascudo em seu *Dicionário do folclore brasileiro*: "O mapinguari é um animal fabuloso, semelhando-se ao homem, mas todo cabeludo. Os seus grandes pêlos o tornam invulnerável à bala, exceção da parte correspondente ao umbigo. Segundo a lenda, é um terrível inimigo do homem, a quem devora. Mas devora somente a cabeça."

Se essas informações não forem suficientes, o grande Câmara Cascudo, que não parecia ser um dos maiores admiradores do mapinguari, acrescenta que ele tem "pés de burro, pele de jacaré e a boca na altura do estômago". Bem, considere-se avisado.

Qualquer semelhança entre Lula e o mapinguari será, talvez, mera coincidência — mas, realmente, eles não deixam de ter um ponto em comum: ambos estão sobrevivendo à sua própria época. Se algum dia o cinema brasileiro quiser rodar um filme sobre ele (sobre o mapinguari, quero dizer), já saberá a quem convidar para o protagonista.

E, a provar que aqueles filmes B dos anos 50 aplicam-se de todo jeito à atual realidade brasileira, é só lembrar o melhor deles: aquele em que um sujeito exposto à radiação atômica começou a apresentar sintomas de que estava diminuindo. Um dia foi beijar a mulher e descobriu que ela ficara mais alta do que ele. Mais um pouco e sobrava nas roupas, no estilo o-defunto-era-maior. Quando chegou a medir cinco centímetros, mudou-se para a casa de bonecas de sua filha e foi atacado pelo gato da família. E continuou encolhendo, encolhendo — até sumir.

O filme se chamava, é claro, *O incrível homem que encolheu*. E, a continuar assim, seu *remake* terá um galã à altura: Fernando Henrique Cardoso.

* Jornalista da equipe de articulistas do JB. Essa coluna estará ausente nas próximas três semanas